



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III - OSMAR DE AQUINO

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO LETRAS

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

LARISSA SILVA DOS SANTOS

**O PECADO DA MULHER: VINGANÇA E TRAIÇÃO NO *HEPTAMERON*, DE
MARGUERITE DE NAVARRE**

**GURABIRA
2021**

LARISSA SILVA DOS SANTOS

**O PECADO DA MULHER: VINGANÇA E TRAIÇÃO NO *HEPTAMERON*, DE
MARGUERITE DE NAVARRE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Gênero.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GURABIRA
2021**

S237p Santos, Larissa Silva dos.

O pecado da mulher [manuscrito] : vigância e traição no Heptameron, de Marguerite de Navarre / Larissa Silva dos Santos. - 2021.

40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

*Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz ,
Coordenação do Curso de Letras - CH.*

1. Heptameron. 2. Margarida de Navarro. 3. Mulher. 4.
Sociedade medieval. I. Título

21. ed. CDD 860

LARISSA SILVA DOS SANTOS

O PECADO DA MULHER: VINGANÇA E TRAIÇÃO NO *HEPTAMERON*, DE
MARGUERITE DE NAVARRE

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado ao
Departamento do Curso de Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Letras – Habilitação em
Língua Inglesa.

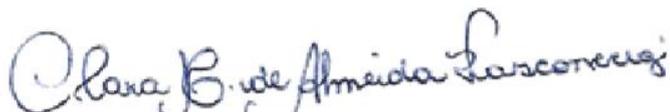
Área de concentração: Literatura,
Discurso e Gênero.

Aprovada em: 19 de maio de 2021

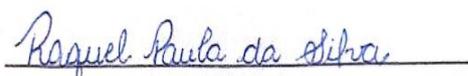
BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)

Prof. Me. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Esp. Raquel Paula da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, mulher a qual me inspiro,
por sempre estar ao meu lado, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Tantas palavras me vêm à mente, mas não seriam suficientes para expressar esse momento de alegria extrema, gostaria de agradecer, primeiramente, a minha família por sempre me apoiar nessa caminhada durante minha vida acadêmica.

A minha mãe que nunca mediu esforços para me ajudar em qualquer coisa que eu precisasse, nem que fosse com apenas uma palavra de carinho, ela é minha rocha que nunca me deixa desistir.

Aos meus professores que foram partes essenciais nessa trajetória, em especial, Rafael Braz, que se não fosse por sua ajuda e sua orientação incrível desde que comecei a escrever esse trabalho eu não teria conseguido chegar até aqui.

Aos meus queridos amigos, Adriano e Hacmone, que são amizades que começaram na faculdade e levarei para a vida toda.

À Lilian Kasey que é mais que uma amiga que a faculdade me deu, é uma irmã que tem um espaço reservado para sempre em meu coração e sempre esteve junto em todos os momentos fossem eles bons e/ou ruins, em todos os perrengues que passamos, mas saber que estava com você fazia tudo ser mais leve, obrigada por tudo.

Ao Daniel, nossa amizade pode ter pouco tempo, mas parece que já nos conhecíamos há muitos anos, obrigada por tanto, por sempre estar lá quando eu precisei. Eu sei que é alguém que eu sempre posso contar em qualquer situação, vou levar nossa amizade para a vida toda.

Aos meus amigos de infância, e aos que tive o prazer de encontrar durante a vida e que eu vou levar comigo para sempre, Katia, Cimário, João Pedro, Ana Paula, Hortência, Rafaella e Adamilton. Os amo de todo coração, obrigada pela amizade.

*“E se os pais ao nascerem às meninas
As colocassem com filhos em obras
iguais, inferiores aos irmãos não seriam,
em mais altas façanhas desiguais.”*

Modesta de Pozzo

RESUMO

As mulheres desde muito cedo tiveram que lutar para que sua voz fosse ouvida, em uma coletividade em que os homens eram venerados e considerados os donos da razão e a mulher como sendo sempre uma segunda voz, vivendo em um ambiente em que ela era submissa a todos as suas vontades e as mais pobres sendo privadas de coisas básicas como ler e escrever. Desse modo, propomos investigar o papel da mulher na sociedade medieval e atual, cotejando *A Terceira* e *A Quarta Novela* do livro *Heptameron* (1976), da autora Margarida de Navarro. Buscaremos apresentar as duas novelas analisando, principalmente, a questão da traição feminina naquela época. Para este estudo, laçamos mãos dos pressupostos teóricos postulados por Brochado (2001), Zolin (2005), Almeida (2010), Delumeau (1989) e Duby (1990) que defendem o posicionamento e empoderamento da mulher na sociedade medieval. A pesquisas que realizamos foi na área de literatura, principalmente, nos estudos do gênero feminino, a pesquisa é de caráter qualitativo e bibliográfico. A análise mostra que a mulher na sociedade, ainda, precisa lutar muito para ser reconhecida, ainda temos muitos direitos a serem conquistados, mas ficamos felizes pelas mulheres terem conseguido tantas conquistas ao longo dos anos. As novelas trabalhadas nesta pesquisa tiveram como objetivo mostrar o senso feminino sendo abordado com temas extravagantes daquela época e posicionamento das mulheres.

Palavras-chave: *Heptameron*. Margarida de Navarro. Mulher. Sociedade medieval.

ABSTRACT

From an early age, women had to fight for their voices to be heard, in a community in which men were revered and considered the owners of reason and women as always being a second voice, living in an environment in which she was submissive to all their wills and the poorest being deprived of basic things like reading and writing. Thus, we propose to investigate the role of women in medieval and current society, comparing The Third and The Fourth Novels of the book *Heptameron* (1976), by the author Margarida de Navarro. We will introduce the two novels analyzing, mainly, the issue of female betrayal at that time. For this study, we make use of the theoretical assumptions postulated by Brochado (2001), Zolin (2005), Almeida (2010), Delumeau (1989) and Duby (1990) who defend the positioning and empowerment of women in medieval society. The research we carried out was in the literature area, mainly in female studies, the research is of a qualitative and bibliographic character. The analysis shows that Women in society still need to fight hard to be recognized, we still have many rights to be conquered, but we are happy that women have achieved so many achievements over the years. The novels worked on in this research had the objective to show the feminine sense being approached with extravagant themes of that time and positioning of the women.

Keywords: *Heptameron*. Margarida de Navarro. Women. Medieval society.

RÉSUMÉ

Dès leur plus jeune âge, les femmes ont dû se battre pour que leurs voix soient entendues, dans une communauté où les hommes étaient vénérés et considérés comme les propriétaires de la raison et les femmes comme étant toujours une seconde voix, vivant dans un environnement où elle était soumise à tous. leurs volontés et les plus pauvres étant privés de choses de base comme la lecture et l'écriture. De cette manière, nous proposons d'étudier le rôle des femmes dans la société médiévale et actuelle, en comparant le troisième et le quatrième romans du livre Heptameron (1976), de l'auteur Margarida de Navarro. Nous essaierons de comparer les deux romans analysant principalement la question de la trahison féminine à cette époque. Pour cette étude, nous utilisons les hypothèses théoriques postulées par Brochado (2001), Zolin (2005), Almeida (2010), Delumeau (1989) et Duby (1990) qui défendent le positionnement et l'autonomisation des femmes dans la société médiévale. La recherche que nous avons menée était dans le domaine de la littérature, principalement dans les études sur le genre féminin, la recherche est de caractère qualitatif et bibliographique. L'analyse montre que les femmes dans la société doivent encore se battre pour être reconnues, nous avons encore de nombreux droits à conquérir, mais nous sommes heureux que les femmes aient accompli tant de réalisations au fil des ans. Les romans travaillés dans cette recherche avaient pour objectif de montrer le sens féminin abordé avec des thèmes extravagants de cette époque et le positionnement des femmes.

Mots-clés: Heptameron. Margarida de Navarro. Femmes. Société médiévale.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MARGARIDA DE NAVARRO	14
3	METODOLOGIA	18
3.1	Etapas da pesquisa	19
4	A ÉPOCA DA REFORMA PROTESTANTE: A MULHER NA SOCIEDADE	20
4.1	A mulher à frente do século	26
4.2	O <i>Heptameron</i>: um cotejo cultural	30
4.2.1	<i>Terceira Novela e o gosto da vingança</i>	31
4.2.2	<i>Quarta Novela e o prazer da traição</i>	33
5	CONCLUSÃO	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

As mulheres, desde a antiguidade clássica até a idade moderna, não ocupavam um lugar de muito prestígio na sociedade. Na idade média, era ainda mais difícil, com toda opressão que viviam no corpo social. Mesmo hoje em dia, com todas as conquistas que elas têm alcançado diariamente, ainda são deixadas de lado em pautas importantes no meio social.

Desde muito cedo, as mulheres tiveram que lutar, para que suas vozes fossem ouvidas, em uma coletividade em que os homens eram venerados e considerados os donos da razão. Elas viviam em um ambiente em que eram submissas a todas as vontades do homem e as mais pobres eram privadas do básico, como ler e escrever.

Elas passavam a vida inteira nesse círculo: enquanto jovens, estavam à sombra de seu pai; enquanto adultas, eram entregues a seus maridos e passavam a viver na sombra deles. É importante fazermos essa incursão, através da escrita, para compreendermos um pouco como as mulheres viviam nesse século tão distante do nosso e entender como elas conseguiram enfrentar as adversidades naquela época.

De acordo Almeida (2010, p. 53), “O ambiente familiar era, para muitas, o único lugar a que tinham direito”. Compreendemos, através dessa afirmação, que a mulher no Renascimento pouco difere da mulher do século XX e XXI, muitas ainda são tratadas dessa forma, principalmente, em áreas com pouca escolarização.

Sabendo disso, este Trabalho de Conclusão de Curso se propõe a investigar o papel da mulher na sociedade medieval e atual, cotejando *A Terceira* e *A Quarta Novelas* do livro *Heptameron* (1976), de autoria de Margarida de Navarro. Buscamos apresentar as duas novelas, analisando, principalmente, a questão da traição feminina naquela época.

A Terceira Novela, uma das obras que compõe o *corpus* desta pesquisa, narra a história de um rei que conhece uma jovem e se apaixona por ela, porém, essa jovem é casada; mesmo assim, ele arquiteta um plano para separá-la do seu marido, enviando-o para longe, dessa forma, ele pode tentar conquistá-la.

Como desfecho dessa história, o rei consegue conquistar a jovem, fazendo com que ela não deseje mais seu esposo quando este retorna para casa. Seu marido desconfia do que está acontecendo entre sua esposa e o rei e, então, vai ao

encontro da rainha, para que os dois possam se vingar. Eles se vingam, porém, o rei continua com a jovem e a rainha e o cavaleiro passam a ser amantes.

Por outro lado, *A Quarta Novela* apresenta um jovem que conhece a irmã de um príncipe. O cavaleiro queria ter algum tipo de envolvimento com a jovem, mas, quando resolve falar com ela, obtém uma resposta contrária ao que ele estava esperando. Assim, ele planeja levar todos a sua casa, para caçar com o príncipe e, logo, ter um tempo a sós com a irmã do rapaz, porém, seu plano não saiu como esperado e a jovem lutou, com todas as suas forças, contra as investidas grosseiras do amigo do seu irmão, deixando-o tão constrangido que ele não teria mais coragem de encará-la.

A autora dessas Novelas, Margarida de Navarro, gostaria de ter escrito um *Decameron*¹, que fora escrito por Giovanni Boccaccio. Essa vontade, no entanto, não foi realizada, pois ela faleceu antes de concluir sua obra. Após a sua morte e apenas na segunda vez em que a obra foi publicada, é que tal narrativa pôde ser reconhecida. Margarida não conseguiu fazer um *Decameron*, mas a junção de suas Novelas levou o nome de *Heptameron*.

O *Heptameron* retrata o dia a dia das pessoas que vivem na cidade, sendo essas histórias contadas por homens e mulheres, depois de se refugiarem, em razão de uma enchente que acometeria toda a população, caso não procurasse um abrigo para se proteger. Eles acharam abrigo no *Notre Dame de Serrace* e lá esperaram até que a ponte da cidade fosse reconstruída.

O livro *Heptameron* (1976) contém setenta e dois contos, narrados por diferentes narradores. Tais contos possuem uma característica presente naquela época, que é como se uma história pertencesse a outra, estando todas interligadas.

Para atingir os objetivos pré-estabelecidos, lançamos mão da metodologia de cunho qualitativo, que Paiva (2019, p.13) nos dá a seguinte definição: “A pesquisa qualitativa acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas”.

Nesta pesquisa, trabalhamos com o gênero novela, o qual Moisés (2004, p. 322) define da seguinte forma:

¹ Boccaccio foi um escritor italiano (1313-1375), considerado uma das maiores figuras do Renascimento. Sua obra principal foi o *Decameron*, uma coleção de cem contos que exaltam a beleza e o amor terrenos (ALMEIDA, 2010, p. 160).

em esquema, a novela não passa duma sucessão de cenas dialogadas e cenas em movimento (estas mais raras) grudadas por trechos narrativos mais ou menos sóbrio e abstratos, exposições, observações psicológicas e morais, cartas, digressões, expansões líricas.

Sendo assim, justificamos esta pesquisa, por ampliar e compreender a forma como as mulheres eram tratadas pela sociedade, resgatando a face da mulher na idade renascentista, através da temática da subordinação diante da traição e da vingança, por meio das Novelas de Margarida de Navarro, deixando em evidência a comparação entre essas duas Novelas.

Para este estudo, utilizamos os pressupostos teóricos, postulados por Brochado (2001), Zolin (2010), Almeida (2010), Delumeau (1989) e Duby (1990), que defendem o posicionamento e o empoderamento da mulher na sociedade medieval.

Este estudo está dividido em cinco capítulos: no primeiro, consta esta introdução; no segundo, a biografia de Margarida de Navarro, expondo uma breve contextualização sobre a sua vida. O terceiro capítulo aborda a metodologia e as etapas da pesquisa. No quarto capítulo, destacamos como a mulher era vista na época da reforma protestante e agora na contemporaneidade, além da análise das novelas. O quinto e o último capítulo trazem a conclusão e, por fim, as referências que fazem parte deste texto.

A relevância social que buscamos apresentar, através deste trabalho de conclusão de curso, é enaltecer a história de mulheres que foram de grande importância, através dos séculos, por meio de suas escritas. Nesta monografia, nos propomos trabalhar com o *Heptameron*, de Margarida de Navarro, e como sua escrita foi importante durante a época da Reforma.

2 MARGARIDA DE NAVARRO

Margarida de Navarra, antes de se tornar rainha de Navarra, era chamada de Margarida d'Angoulême, pois fazia parte da família real francesa, sendo de origem nobre. Seu avô paterno era Jean, conde de Angoulême. Possuindo também o condado de Périgord, Jean precisou renunciar tal condado, quando participou da guerra civil, que resultou em sua captura, tornando-se refém dos ingleses por 32 anos.

Todo esse tempo que o avô de Margarida passara preso o deixou profundamente devoto, fazendo com que ele não quisesse mais se envolver com nada que estivesse ligado à política. Acredita-se que Margarida tenha sido levada a uma vida espiritual, por influência de seu avô: “É provável que a predisposição de Margarida a uma vida mais espiritual tenha sido herdada dele” (ALMEIDA, 2010, p. 80)

O pai de Margarida foi Carlos d'Angoulême, descendente de Jean. Carlos ficou apenas oito anos no poder, quando ocorreu a morte de seu pai, avô de Margarida. Sendo assim, quando o pai de Carlos faleceu, ele foi educado pelo rei da França, Luiz XI, seu primo. Este se tornou um príncipe amável, apenas para seus dependentes, considerado de caráter duvidoso pelos demais.

O casamento dos pais de Margarida foi arranjado pelo rei e, mesmo após a morte dele, o acordo não foi desfeito. Luísa era 18 anos mais nova que Carlos; quando se casaram, ela não tinha nem 12 anos completos e o seu pretendente 30. Carlos não estava apaixonado por Luísa, pois, como se sabe, raramente, em casamentos arranjados, os envolvidos se apaixonam.

O pretendente de Luísa estava apaixonado por outra, mas ela aceitou que a mulher por quem seu marido estava apaixonado, Madame de Polignac, fosse morar com eles no castelo, sendo essa a condição imposta por Carlos, para se casar com Luísa: “O motivo para isso era que ele estava apaixonado por Joana de Polignac e só se casou na condição de que a amante fosse levada para viver em sua corte” (ALMEIDA, 2010, p. 80). O envolvimento dessa outra mulher com Carlos acabou resultando em uma filha, chamada Joana.

A mãe de Margarida, Luísa, era bela e gostava do comando; enquanto jovem, sua personalidade era gentil, mas, no futuro, seria diferente, ainda levaria um tempo

até que sua cobiça fosse vista: ela sabia falar diferentes línguas e apreciava fazer citações em latim; não eram muitas as princesas que fossem instruídas como ela.

Margarida nasceu no dia 11 de abril de 1492, no castelo de Angoulême, onde seus pais residiram durante os primeiros anos que estavam juntos. Ela não foi, entretanto, a única filha do casal: o irmão de Margarida nasceu em 12 de setembro de 1494 e se chamava Francisco de Paula, sendo selecionado à linha de sucessão do trono francês, o que aconteceu após a morte de Luiz XII, em 1 de janeiro de 1515, com apenas 20 anos.

Quando Margarida nasceu, todos ficaram felizes e, especialmente, a sua mãe, que logo se empenhou, para que não houvesse outra princesa no reino, que se igualasse ao talento de sua filha. Margarida foi educada por sua própria mãe, mas quando seu irmão nasceu, sua mãe precisou dar mais atenção à educação dele, de modo que Margarida passou a ser educada pela governanta, Madame de Chatillon.

Margarida sempre foi muito inteligente e sua capacidade para adquirir entendimento era visível: estudou italiano, latim e espanhol; além disso, tinha grande destreza para escrever. Ela era uma jovem amorosa, mas não era considerada bela. Tal fato não a impedia de encantar a todos com a sua personalidade e seus lindos olhos azuis.

Diferentemente de Margarida, sua mãe era ambiciosa: ela zelava por seus filhos, porém isso estava relacionado ao fato de Luísa se empenhar em torná-los figuras conhecidas na sociedade. Assim,

A mãe de Margarida, Luísa de Savóia, tinha a ambição como religião. Era egoísta, arrogante, ciumenta, avarenta, astuta e não deixou boa reputação. No entanto, tinha uma grande virtude: a ternura maternal. Foi uma mãe muito devotada, seus filhos eram seu orgulho e a alegria de sua vida (ALMEIDA, 2010, p. 84).

Mesmo com todos os esforços, Margarida não herdou a personalidade de sua mãe: ela era uma pessoa muito devota a quem tinha afeição, pois “A devoção de Margarida àqueles a quem amava era tanta que a tornava cega aos defeitos deles” (ALMEIDA, 2010, p. 85). Mesmo com todas as características de sua mãe, ela a enxergava como uma mulher correta e seu irmão o mais perfeito dos cavalheiros, mesmo que eles agissem de forma inadequada.

Margarida, aos 17 anos, casou-se com o duque de Aleçon – casamento arranjado pelo rei Luiz XIII, pela rainha Ana e pela sua mãe. Seu pretendente

provinha de uma linhagem de pessoas sublimes; todavia, o então duque de Aleçon não possuía as mesmas características: “O jovem, porém, era estúpido e pobre de espírito” (ALMEIDA, 2010, p. 90).

Como seu casamento havia sido arranjado por sua mãe e a rainha Ana, Margarida não fora consultada sobre a situação. Ela não sentia nada por seu marido, efetivamente, eles eram opostos, principalmente no aspecto intelectual: Margarida prezava por um lazer que envolvesse essa prática intelectual, porém seu marido não a acompanhava nesses momentos, pois “Ele tinha um temperamento moroso, invejoso, tímido e antissocial” (ALMEIDA, 2010, p. 91). Porém, sempre o respeitou e o ajudou. Graças a Margarida e a sua intervenção, tornou-se o governador da Normandia:

Apesar de não amar o marido como gostaria, por ser tão diferente dela, Margarida sempre foi uma esposa fiel. Ela procurou ajudá-lo tanto quanto possível e, mesmo indiferente a honras e riquezas, usou sua influência para promover os interesses dele. Foi por causa dela que ele obteve do rei a nomeação de governador da Normandia (ALMEIDA, 2010, p. 91).

O fim de seu casamento aconteceu quando seu marido desertou a Batalha de Pávia e o rei o tornou prisioneiro. O seu acovardamento resultou em diversas perdas para Margarida, a prisão de seu irmão e a morte de seus amigos. Margarida não foi recebê-lo na sua volta, mas, ao ouvir que uma enfermidade o acometera, ela se compadeceu e cuidou dele.

Quando Margarida estava completando 33 anos, no dia 11 de abril de 1525, o duque faleceu e seu segundo marido foi Henrique d’Albert, o qual ela foi apaixonada. Porém, assim no seu primeiro casamento, o segundo também foi planejado por sua mãe e seu irmão. Eles queriam casá-la com Henrique VIII, mas consentiram no seu enlace com Henrique d’Albert, o qual foi selado em 1527. Fato que a fez se mudar para Navarra.

Margarida já conhecia seu então marido, Henrique d’Albret, e ela já o admirava por sua inteligência e simpatia. Eles descobriram que tinham muito em comum, o que fez com que Margarida gostasse dele, pois, conforme Almeida (2010, p. 93), “Eles começaram a descobrir pontos em comum: ambos gostavam da erudição, favoreciam os reformadores e queriam melhorar as condições sociais do povo. Ela se apaixonou por Henrique porque ele se aproximava de seu ideal de cavalheirismo”.

Após um ano de casados, nasceu sua primeira filha, Joana; dois anos depois, nasceu o seu segundo filho, mas, infelizmente, faleceu aos seis meses, e seu casamento não era mais como antes.

Margarida gostava de sempre estar rodeada de pessoas e também gostava de escrever poemas. Ela escreveu diversos poemas ao longo de sua vida. Um de seus poemas mais famosos foi *O espelho da alma pecadora*, publicado em 1531.

Margarida faleceu no dia 9 de junho de 1572, antes de acontecer o massacre de São Bartolomeu², ela não presenciou o desastre que estava por vim. Henrique, filho de Joana e neto de Margarida, se tornou um rei altruísta.

² O Massacre de São Bartolomeu foi uma das páginas mais sangrentas da história do cristianismo. Teve início quando Catarina de Médices, para recuperar prestígio junto às forças católicas, sancionou o assassinato brutal de Coligny e outros seis líderes protestantes em 24 de agosto de 1572 (dia de São Bartolomeu). A isso, seguiu-se um abate de dezenas de milhares de huguenotes em Paris e nas províncias, que durou uma semana. (ALMEIDA, 2010, p. 104)

3 METODOLOGIA

Iremos iniciar essa seção com as considerações que o metodólogo Gil (2017, p. 17) traz sobre o que é pesquisa, pois, no pensamento do autor, “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo fornecer respostas aos problemas que são propostos.” Ele ainda complementa sobre quando a pesquisa é necessária: “A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema [...]”.

Utilizamos a obra de Margarida de Navarro, intitulada *Heptameron*, especificamente *A Novela Três* e *A Novela Quatro*, focalizando nossa análise nas personagens femininas. Buscamos analisar como cada uma, na idade renascentista, age diante da traição e da vingança.

Realizamos uma pesquisa na área da literatura, principalmente nos estudos do Gênero Feminino, levando em consideração os apontamentos de Pinheiro (2011, p. 25 e 26) sobre a pesquisa em literatura, pois “Há diferenças significativas entre fazer uma pesquisa em literatura, em ciências sociais ou em linguística [...] O objetivo do estudioso da literatura são as obras literárias: romances, contos, poemas, peças de teatro, narrativas populares [...]”.

Toda e qualquer pesquisa, que começa a ser feita, acarreta no recolhimento de dados entre diversas fontes, não importando o recurso utilizado por quem está à frente, desenvolvendo a pesquisa, pois existem vários recursos que podemos utilizar. Essa parte da pesquisa é de grande importância, pois, ao estudar todo o material coletado, começamos a dar forma ao estudo:

É a fase da pesquisa realizada com intuito de recolher informações prévias sobre o campo de interesse. O levantamento de dados, primeiro passo de qualquer pesquisa científica, é feito de duas maneiras; pesquisa documental (ou de fontes primárias) e pesquisa bibliográfica (ou de fontes secundárias) (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 174).

Portanto, este estudo é de caráter bibliográfico, visto que toda fundamentação teórica que utilizamos vem de materiais que já foram previamente publicados. Desse modo, Gil (2017, p. 34) nos dá uma definição do que é a pesquisa bibliográfica: “A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”.

O trabalho que desenvolvemos é de natureza qualitativa, visto que Paiva (2019, p. 13) nos explica que a pesquisa de caráter qualitativo “acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas”.

O aporte teórico, utilizado nesta pesquisa, foi feito principalmente com as considerações de Brochado (2001), Zolin (2010), Almeida (2010), Delumeau (1989) e Duby (1990).

3.1 Etapas da pesquisa

Posteriormente ao levantamento e estudo do material bibliográfico, partiremos para a análise e, logo após, a comparação dos dados que foram adquiridos, os quais foram subdivididos da seguinte forma:

- ❖ Leitura e coleta de informações da *Novela Três* e *Novela Quatro*, pertencentes ao livro *Heptameron* (1976), escrito entre os anos de 1544 e 1548, reunindo 72 novelas de autoria de Margarida de Navarra;
- ❖ Pesquisa bibliográfica sobre o tema a ser estudado: a traição e a vingança na época renascentista;
- ❖ Pesquisa e leitura bibliográficas de alguns autores sobre como a mulher era vista na Idade Média;
- ❖ Processo crítico dos resultados obtidos ao longo da pesquisa em confronto com o material bibliográfico e o analítico/interpretativo.

4 A ÉPOCA DA REFORMA PROTESTANTE: A MULHER NA SOCIEDADE

São evidentes as diferenças existentes entre a Igreja católica e o protestantismo, a principal delas se dá pela fé. Para o catolicismo, a salvação acontece por meio da Igreja em coletivo; a Igreja em si é um local de fé em Jesus e, dessa forma, ela se salva, e o cristão, que frequenta a Igreja, é salvo por fazer parte dela. Por outro lado, o protestantismo acredita na ligação direta com Deus, não necessitando de uma Igreja que faça essa conexão entre o homem e Deus. Desse modo,

A salvação pela fé, princípio do protestantismo. Mas não pela fé em si, sem objetivo preciso. Pela fé em Jesus Cristo restaurador, e único restaurador possível, do contato com o pai. É a base de todo o cristianismo. Se queremos dar-lhe forma protestante, teremos de dizer “pela fé individual em Jesus Cristo” e insistir no termo individual. Na prática, o catolicismo situa perante Deus não tanto o indivíduo como a humanidade sob forma cristã da Igreja. A Igreja é salva porque tem fé em Jesus Cristo e cada cristão o é porque pertence à Igreja e enquanto pertence. É na oposição a essa salvação pela Igreja que a noção protestante da salvação pela fé direta e pessoal em Jesus Cristo adquire seu valor e sua originalidade (FRANÇOIS LEBRUN, 2009, p. 105).

Obrigatoriamente, os cristãos deveriam participar das missas aos domingos, pois era quase como uma imposição: “nas paróquias da diocese de Estrasbrugo, um sacristão percorre as casas na hora da missa a fim de certificar-se de que ali não se encontra mais de uma pessoa considerada indispensável para garantir a guarda.” (FRANÇOIS LEBRUN, 2009, p. 83). Até hoje, as missas dominicais fazem parte da rotina de muitos católicos.

Para os protestantes, a oração individual e o chamado culto doméstico era o mais importante: “por fim os próprios reformadores insistiram no valor desse culto doméstico” (LEBRUN, 2009, p. 107). E como já era de se esperar, o dever de providenciar esse momento era da responsabilidade do homem:

Normalmente compete ao pai de família presidir tal culto. É ele que de manhã e à noite reúne a sua volta a esposa, os filhos, os criados. Lê alguns versículos da Bíblia, depois a família entoia salmos e reza em voz alta o Pai – Nosso e orações extraídas na Alsácia luterana do *Catecismo* de Lutero. (LEBRUN, 2009, p. 107)

O principal propósito dos cristãos é a sua salvação e, para que isso acontecesse, era necessário que todos cumprissem os sacramentos da Igreja [...]

batismo, eucaristia, casamento e últimos sacramentos [...] (LEBRUN, 2009, p. 89).

Assim:

De todas as obrigações impostas aos católicos, a dos últimos sacramentos e a do batismo nas horas seguintes ao nascimento são as únicas que o clero dos séculos XVII e XVIII não precisa lembrar constantemente. Nos dois casos a obrigação é vivida como uma necessidade, sendo o objetivo aliás o mesmo: a salvação eterna (LEBRUN, 2009, p. 91 – 92).

As crianças católicas, quando nasciam, já eram batizadas naquele mesmo dia ou, no máximo, no dia consecutivo. O batismo era um símbolo de introdução da criança, que acabara de nascer, na vida cristã. O sacramento responsável pela eliminação do pecado original é o batismo e, dessa forma, se a criança viesse a morrer, pouco tempo após o seu nascimento, ela poderia desfrutar da bem-aventurança eterna.

Para os protestantes, no entanto, há apenas o batismo e a eucaristia. Diferentemente da Igreja católica, as crianças não são batizadas de imediato após o seu nascimento, pois todas as crianças que nasceram durante aquela semana são batizadas no domingo, havendo, assim, uma cerimônia, em que todas se batizam juntas. Porém, “As grandes etapas da vida individual também propiciam cerimônias coletivas no templo. Na medida em que não tem papel determinante na economia da salvação, o batismo não gera a mesma precipitação que entre os católicos” (LEBRUN, 2009, p. 109).

Dois grandes revoluções ocorreram e marcaram o século XVI: a Renascença cultural e a transformação religiosa. “O renascimento foi o movimento intelectual e das artes e a reforma foi movimento espiritual e da religião” (ALMEIDA, 2010, p. 24). Tais revoluções causaram rupturas e ocasionaram conflitos, principalmente com o passado, essa mudança era necessária, algumas concepções eram antigas e aprisionavam alguns pensamentos.

No começo da Idade Moderna, a Europa foi o lar de pessoas ligadas às artes e aos pesquisadores da ciência e, por isso, esse novo tempo fora chamado de Idade Moderna: “Era de Michelangelo, pintando a Capela Sistina; de Leonardo da Vinci e sua Mona Lisa [...]” (ALMEIDA, 2010, p. 25). Porém, ao mesmo tempo em que diversos artistas, em diferentes meios, eram revelados, igualmente houve discordâncias e desavenças, era uma época de muito desvirtuamento. Desse modo,

“A ignomínia era imensa, já que, nessa época, ocupou a cadeira pontifícia o Papa mais devasso da história: Alexandre VI [...]” (ALMEIDA, 2010, p. 25).

Para Almeida (2010, p. 27), os papas deveriam ser um modelo a ser seguido por aqueles que tinham a sua fé e, se os próprios papas agiam de uma forma que não era a correta, como a população iria se comportar? Muitos seguiam sua fé, mas a promiscuidade era imensa: “A época era de soltura de amarras, de liberdade cheirando à libertinagem, de deslumbramento, de uma concepção de que o homem era quase todo-poderoso”.

Na época do renascimento, tanto os homens quanto as mulheres eram comparados a um bicho, por não controlarem suas emoções e agirem com total impulsividade, para lidarem com suas próprias questões “Eram bons católicos, mas não saíam sem um punhal à cinta” (ALMEIDA, 2010, p. 30).

Por toda essa devassidão, que corrompia a igreja católica, muitos começaram a querer a reforma como um modo de contestar todas as indecências que aconteciam nesse meio. Com isso,

Apesar de chocantes, essas citações ressaltam a urgência da necessidade de uma reforma que denunciasse a imoralidade, que apelasse para a volta a um cristianismo puro, que chorasse pela extrema corrupção da igreja. Uma reforma que mudasse a realidade dos homens da época e provasse que também espiritualmente o país passava da Idade Média para os tempos modernos (ALMEIDA, 2010, p. 30).

Antes da reforma acontecer, havia a ideia de que as mulheres não seriam humanas. Elas se tornariam humana sob uma condição: “[...] pois somente a beleza fazia a mulher ser considerada humana, sem nenhuma referência a sua capacidade intelectual” (ALMEIDA, 2010, p. 52). Posto isso, se a mulher fosse bonita o suficiente, seria considerada humana, mesmo que sua intelectualidade fosse insuficiente. O escritor Brântome era totalmente contrário a esse pensamento, de modo que ele argumentou em defesa das mulheres.

Esse tipo de pensamento era frequente, pois as mulheres não recebiam educação alguma. Tal condição não era reservada apenas às mulheres: os homens que não possuíam uma boa condição financeira, também tinham esse privilégio negado.

A ideia que se tinha era a de que a educação, destinada às mulheres, era de fiação. Desse modo,

O renascimento não mudou essa condição porque foi um movimento essencialmente burguês que restringia as classes menos privilegiadas. A reforma, contudo, começou a proclamar sua concepção de que todas as pessoas eram iguais e podiam ser seus próprios sacerdotes (ALMEIDA, 2010, p. 52)

Nesse sentido, não é de hoje que as mulheres vêm lutando pelo seu espaço na sociedade: desde o renascimento, elas tentam se expressar, no entanto, não obtêm sucesso. Desse modo, as mulheres sempre foram taxadas pela sua sexualidade, a exemplo de trabalhos destinados apenas ao universo feminino, a começar por sua própria casa: “O ser filha, esposa e mãe constituíam a profissão e a identidade de uma grande parte das mulheres do século XVI” (ALMEIDA, 2010, p. 53).

Enquanto os homens possuíam cargos elevados na sociedade, as mulheres eram obrigadas a cumprir seu papel de dona de casa, pois desde a infância aprendiam todo o ofício ensinado por suas mães, para servirem seu pai e, no futuro, seu marido.

O futuro de muitas crianças dependia da classe social de suas mães: se fossem mães com pouca condição financeira e de moral não tão elevada, originariam descendentes mulheres iguais a elas, mas se as filhas geradas fossem de mães nobres, aquelas também se tornariam nobres “[...] pois uma filha era o que a mãe fazia dela” (ALMEIDA, 2010, p. 54)

Era de total obrigação das mulheres se encarregarem da educação dos filhos e de todas as suas necessidades, porém todas essas obrigações seriam de acordo com seu status na sociedade e do local onde residiam: se a mãe possuísse um alto padrão, era de sua responsabilidade ensinar aos filhos a lerem, antes mesmo de começarem a frequentar a escola.

A reforma propôs mudanças, a exemplo de começar a enxergar as mulheres como humanas, tendo a possibilidade de terem conhecimento dos ensinamentos da bíblia. Antes da reforma, ainda no século XVI, mesmo que as mulheres fizessem grande esforço para serem ouvidas, não era isso que acontecia, elas eram vistas apenas como mães, esposas e filhas.

Para a maioria, essa era a realidade: elas deveriam ficar apenas em seus lares à espera de alguém, dizendo o que elas deveriam fazer. Apenas no século XVIII, as mulheres começaram a participar ativamente da sociedade, pois “com o

aumento contínuo do número de poesias femininas e os espaço cada vez maior ocupado pela beleza feminina na arte” (ALMEIDA, 2010, p. 63).

Segundo Almeida (2010, p. 58), “Sujeita a vontade alheia, a identidade da mulher desaparecia no anonimato do vínculo matrimonial. Ela, além de se submeter ao marido, ficava encerrada nos limites estreitos estabelecidos por teólogos e peritos do outro sexo.” Como a própria Almeida (2010) argumenta, a mulher não tinha uma identidade, ela era aquilo que os outros estabeleciam para ela ser; o lugar delas também já era preestabelecido, lugar esse sempre à sombra dos homens.

Nesse sentido, no século XVI, o espaço da mulher era vinculado à autoridade dos homens, isso acontecia desde quando a mulher era muito jovem: primeiro, ela era responsabilidade de seu pai e, depois, quando já estava na idade de casar, ela passava a ser responsabilidade de seu marido. Outro caminho, que elas poderiam seguir, seria a ida para um convento: muito pais mandavam suas filhas para viver em um convento, pois, para eles, “[...] o claustro era um refúgio humano e útil para as filhas inúteis” (ALMEIDA, 2010, p. 60).

Por muito tempo, eram chamadas de “sexo frágil”. Foi apenas no final do século XV que as mulheres começaram a participar mais ativamente da sociedade, foi a partir daí que elas começaram a ter mais espaço, em razão das poesias, ocupando também seu espaço na arte. Nesse contexto, “O acesso das mulheres a uma cultura até então reservada aos homens é uma marca de orgulho para a literatura da época” (ALMEIDA, 2010, p. 63).

As mulheres sempre expressaram a sua vontade de se manifestarem em vários assuntos, todavia, o espaço necessário, para que isso acontecesse, nunca era disponibilizado. Elas tiveram que lutar, de todas as formas, para que pudessem entrar nesse ambiente até então predominado pela figura masculina. “Não há domínio algum em que a mulher não tenha expressado o seu desejo de falar” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 524).

Desde que as mulheres se conscientizaram do seu poder, que o receio por meio do sexo oposto, de que isso acontecesse, fica em maior evidencia: “Ora, dar às mulheres o domínio da escrita é perigoso [...] a palavra das mulheres letradas deixará durante muito tempo aflorar o temor das audácias e o medo das impotências” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 536).

Aos poucos, percebeu-se o importante papel que a mulher desempenhava na sociedade, na mudança entre uma época e outra, dando início ao renascimento, em

que se tinha mais liberdade para conversas entre as pessoas. Com esse acontecimento, houve uma mudança na forma como a mulher era vista. Assim,

os homens perceberam que sua conversa não era completa sem a participação das damas. Elas sabiam conversar, eram cultas, inteligentes e passaram a transformar a sociedade em menos grosseira, mais moral e mais atenta à mulher e à criança (ALMEIDA, 2010, p. 63).

Quando as mulheres receberam a oportunidade de serem ouvidas, os homens foram percebendo e, até mesmo, sentindo falta de tê-las, dialogando com elas; souberam então que elas eram inteligentes e gentis, podendo, assim, suavizar aquela sociedade. Dessa forma,

Como o Renascimento permitia aos grandes o prazer da conversa, a reabilitação da mulher começou a partir do momento em que se teve tempo para conversar. Os homens perceberam que em suas conversas não era completa sem a participação das damas (ALMEIDA, 2010, p. 63).

A mudança não aconteceu rapidamente, mas, à medida que acontecia, as mulheres eram mais respeitadas e todos começaram a escutá-las. Elas próprias foram observando o quanto era importante se apropriarem também desse lugar. “Ocupar o território do escrito é para a mulher da Idade Média uma grande empresa, acompanhada da consciência de uma infração ou de uma audácia, de uma timidez ligada à incapacidade do sexo” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 525).

Assim que as mulheres se fizeram ouvidas, elas passaram a registrar tudo aquilo que falavam e isso pôde ser feito através da literatura, sendo uma forma de não silenciarem. “Mas dotada de voz, a mulher falante não nos dá a conhecer o seu verbo senão pelo eco da escrita” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 518).

No momento em que as mulheres começaram a erguer suas vozes, elas também usaram de outros artifícios: pena, escreviam a favor de tudo aquilo que elas acreditavam “Estavam empenhadas numa missão sagrada e, em primeiro lugar escreviam sobre os filhos e aos filhos, depois escreviam a Deus, para Deus e a respeito de Deus” (ALMEIDA, 2010, p. 64).

As mulheres do século XVI tinham uma preocupação constante a respeito da religião cristã e buscavam entendê-las, estudando a Bíblia e, dessa forma, nessa época existiam mulheres mais cultas que nas épocas anteriores. A reforma cooperou, abundantemente, para que as mulheres tivessem conhecimento, pois

seus pais eram homens da igreja e possuíam consigo inúmeras obras literárias, as quais elas poderiam ler.

4.1 A mulher à frente do século

A sociedade insiste em querer definir a mulher como “sexo frágil”, porém existem mulheres extremamente importantes para construção de uma boa comunidade. Sabemos que tanto os homens quanto as mulheres ocupam cargos importantes atualmente, porém, muitas vezes, o valor não é igualitário.

De acordo com Delumeau (1989, p. 310), “A atitude masculina em relação ao “segundo sexo” sempre foi contraditória, oscilando da atração a repulsa, da admiração a hostilidade”. Delumeau (1989) deixa evidente que a mulher, infelizmente, desperta certo desconforto no meio masculino.

Notamos, então, que a mulher, por mais desvalorizada que fosse pelos homens, elas têm um papel fundamental na sociedade. Os homens tinham o direito de chamá-las sempre que pudessem e quisessem, pois a eles era designado o papel de donos delas, seus maridos.

Diante desta breve discussão, defendemos que as personagens presentes nas duas novelas são extremamente inteligentes e cautelosas, pois agiram como nenhuma outra mulher, nas condições que a sociedade pregava. Nessas narrativas, podemos observar que a mulher exposta, para nós, leitores, age de tal forma, pois não tem medo, é empoderada, o que era bastante complicado para aquela época.

Podemos observar que as duas personagens, de uma forma ou de outra, se vingam das traições recebidas. A traição, naquela época, era algo estrondoso, caso acontecesse. Na terceira narrativa, observamos uma mulher sendo traída e se vingando da mesma forma: “[...] já meio vencida, ao chegar ao cabo da alameda, em lugar onde ninguém os podia ver, declaro-lhe abertamente o amor que havia tanto tempo escondia, e encontrando-se ambos concordes no sentimento, tiraram vingança” (NAVARRA, 1976, p. 43) Para a sociedade, mulheres que traem são mal vistas, porém, se fosse um homem fazendo o mesmo, seria ignorado.

A mulher, desde o início da idade moderna, já era muito mal vista; era tida como perigosa, sendo até mesmo nomeada como alguém que fosse um agenciador do próprio satã: “[...] a mulher foi então identificada como um perigoso agente de satã; e não apenas por homens da Igreja, mas igualmente por juízes leigos”

(DELUMEAU, 1989, p. 310). Tudo isso aconteceu em razão da cultura daquele tempo, de como a mulher era julgada pela sociedade masculina. Existia uma controvérsia entre a relação homem e mulher, do ponto de vista apresentado pelo homem, que ia da atração ao sentimento de repulsa.

Essa oscilação vem desde a Idade da Pedra, onde homens veneravam deusas com toda sua sensualidade até o ponto que toda essa admiração foi dando lugar ao medo: “Essa veneração do homem pela mulher foi contrabalançada ao longo das eras pelo medo que ele sentiu do outro sexo, particularmente nas sociedades de estruturas patriarcais” (DELUMEAU, 1989, p. 310).

A mulher é representada por Delumeau (1989) como uma espécie de bruxa, sendo mais próxima da natureza e mais bem informada de seus segredos. O homem, para se vangloriar, se pôs como alguém mais pensante, coerente e a mulher como um ser obscuro. Sempre houve esse mito em torno da mulher, sendo ela um ser enigmático e difícil de entender, até mesmo em coisas que, para nós, hoje em dia são concebidas como simples, como a maternidade.

Para o homem, a mulher é portadora de todo o mal que habita na terra. Por muito tempo, ela foi impedida de fazer algumas funções, principalmente no meio religioso. Era tida como impura e perigosa, sendo comparada a mulheres como Pandora, que foi a responsável por abrir a caixa e soltar todas as mazelas no mundo, e Eva, que foi a que desobedeceu e comeu do fruto proibido. O homem não era responsabilizado por nada de ruim que viesse a acontecer, de modo que ele transferiu para mulher toda a carga de responsabilidade:

Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Pandora grega e Eva judaica, ela cometeu a falta original ao abrir a urna que continha todos os males ou ao comer o fruto proibido. O homem procurou um responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher (DELUMEAU, 1989, p. 314).

A mulher sempre foi colocada na posição de submissão, criada exclusivamente para estar de prontidão para servir ao seu marido, não apenas no casamento, mas também perante a igreja. Nesta, ela era obrigada a se calar perante o clero, não era permitido que ela expressasse sua opinião, assim como no casamento. Isso ocorria, em virtude de o homem ser considerado a representação de Deus.

Indo para uma outra abordagem da mulher na sociedade, vale refletir sobre o posicionamento de Zolin (2005, p. 181), pois

Desde a década de 1960, com o desenvolvimento do pensamento feminista, a mulher vem se tornando objeto de estudo em diversas áreas de conhecimento [...] também no âmbito da Literatura e da Crítica Literária, a mulher vem figurando entre os temas abordados em encontros, simpósios e congressos.

Algumas mudanças ocorreram com o início do movimento feminista. Sabendo disso, vamos abordar, neste momento, a crítica feminista que usamos para dar um melhor entendimento à leitura e à interpretação de um texto literário.

Desse modo, a crítica literária vem fazendo alguns questionamentos no meio patriarcal, pois, conforme Zolin (2005, p. 181), “A constatação de que a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina implicou significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pelas descobertas de novos horizontes de expectativas”.

Colocamos o feminismo em destaque, pois tal movimento mudou, paulatinamente, a vida de muitas mulheres. Elas, durante as décadas, vêm aos poucos conquistando seu espaço na sociedade, particularmente, também, no meio literário. Porém, isso não significa que seus escritos já não existissem desde séculos passados: “[...] não vamos pensar com isso que a produção intelectual feminina é inexistente, que não há vestígios escritos deixados pelas mulheres [...] os registros existem e não são poucos” (BROCHADO, 2001, p. 5).

Nesse sentido, em 1970, críticos feministas, de países como a França e os Estados Unidos, se reuniram para debater as consequências do espaço que fora retirado das mulheres na sociedade. Essas discussões tinham o propósito de transformar a situação de subjugação em que a mulher se encontrava, ficando sempre em segundo lugar em relação ao homem. Assim,

Trata-se de tentar romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação (ZOLIN, 2005, p. 182).

É necessário haver uma desconstrução no que se refere aos papéis sociais entre o homem e a mulher como seres opostos, uma vez que a mulher tem uma desconstrução maior ainda por tudo que ainda é relacionada a ela, a exemplo de

tudo o que foi imposto para ela décadas passadas, relegando a mulher o segundo lugar em relação ao homem.

Para um maior entendimento da crítica feminista, vale observar o quadro 1, elaborado pela pesquisadora Zolin (2005), sobre os seguintes conceitos:

Quadro 1 – Conceitos operatórios da crítica feminista

Logocentrismo	Termo utilizado, no sentido empregado por Jacques Derrida, seu criador, para designar o pensamento canônico, num contexto marcado pelo empenho em desmontar e desqualificar a mistificação implícita no discurso filosófico ocidental.
Falocentrismo	Termo tomado por algumas escritoras e críticas francesas, para desafiar a lógica predominante no pensamento ocidental, bem como a predominância da ordem masculina.
Patriarcalismo	Termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar, originária dos povos antigos, na qual toda instituição social se concentrava na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável. Esse conceito tem permeado a maioria das discussões, travadas no contexto do pensamento feminista, que envolvem a questão da opressão da mulher ao longo de sua história.

Fonte: Zolin (2005, p.182-183), *Crítica feminista* – adaptado.

Embora o feminismo date em torno de três séculos, ele é bastante importante para as mulheres contemporâneas, pois, a partir desse ponto, elas ganham mais força para mudar as suas posições no meio social. Quando veio a primeira onda do feminismo, diversas mulheres conseguiram exercer funções que, até pouco tempo atrás, eram exclusivamente masculinas, a exemplo da função de escritora. Ainda que elas tivessem essa liberdade, muitas delas ainda tinham receio de se expor, por isso, elas escreviam seus romances, fazendo uso de pseudônimos. Nesse contexto,

Com o feminismo a mulher ocupa um lugar diferente na sociedade 'O novo lugar que a mulher passa a ocupar na sociedade em decorrência do feminismo fez-se refletir (e não poderia ser diferente) nesse *status quo*'. De um lado, a crítica literária, antes de um domínio quase exclusivamente masculino, passou a ser praticada por mulheres; do outro, estas passaram a escrever mais como literatas, livres dos temores da rejeição e do escândalo (ZOLIN, 2005, p. 276)

Elas se sentiram mais livres para escrever, sem medo de serem menosprezadas, dando oportunidade também para o resgate de obras literárias produzidas por mulheres. Podemos observar, nessa parte do feminismo, como as personagens femininas se desconstruíam: antes, a mulher era descrita como

totalmente dependente da figura do homem, sendo submissa a ele. Ela toma consciência da sua posição inferior e, a partir disso, pode fazer algo para mudar essa realidade.

4.2 O *Heptameron*: um cotejo cultural

4.2.1 Terceira Novela e o gosto da vingança

Narrada em terceira pessoa, *A Terceira Novela* inicia, falando sobre o rei Afonso, homem de grande importância para a cidade Nápoles. Nessa cidade, encontrava-se também um nobre encantador que, por todos os seus atributos, acabou por ganhar de um nobre a mão da sua filha, cuja beleza era comparada a do jovem cavalheiro.

A amizade que o jovem casal possuía era enorme, até que, certo dia, a visita do rei mudaria isso:

um certo carnaval em que o rei foi, mascarado, percorrer todas as casas, e em que todos se esforçaram por lhe dar a melhor acolhida. E ao visitar a do dito fidalgo, foi melhor recebido que em qualquer outra, quer nos doces, quer nas cantorias e músicas, quer por parte de sua formosa mulher, que outra tão bela jamais o rei vira (NAVARRA, 1976, p. 39)

O rei ficou encantado pela esposa do nobre cavalheiro e, ao mesmo tempo, sentia inveja do relacionamento deles, então, começou a tramar algo que pudesse dar um fim a tudo aquilo que eles tinham “[...] não ficou agradado com o doce acordo que havia entre ela e o marido, antes congeminou artes com que pudesse desfazê-lo” (NAVARRA, 1976, p. 39-40).

Em momento algum, o rei ficou intimidado pela jovem já ter um marido, pois ele também era casado; também não se preocupou por ser uma pessoa pública, pois existe a cultura de que o homem pode ter tudo o que deseja, mesmo que seja uma mulher casada.

O rei não deixava explícito o seu sentimento pela esposa do cavalheiro, porém sempre conseguia uma forma de estar junto ao casal. Isso era possível, através das grandes festas, proporcionadas pelo rei. Dessa forma, a majestade começou a fantasiar que se o marido daquela bela jovem não estivesse por perto, ele teria alguma chance com ela:

Dado que o homem de boa mente crê em tudo quanto vê, pareceu-lhe que o olhar daquela dama lhe prometia boas esperanças, se a presença do marido não a impedisse. E para verificar se esta ideia correspondia à verdade, deu ao marido o encargo de fazer a Roma uma viagem de quinze dias ou três semanas (NAVARRA, 1976, p. 40).

A mulher, que nunca ficara distante de seu marido, ficou angustiada com sua partida e o rei percebeu a chance de se aproximar dela e consolá-la, porém, com segundas intenções. Podemos perceber que a mulher foi sendo persuadida pelo rei em seu momento de fraqueza, a ponto de superar sua tristeza pela distância do marido, ficando até mesmo feliz com a sua ausência: “persuasão, presentes e dádivas; de guisa que não só ficou consolada, como até ficou contente com a ausência do marido” (NAVARRA, 1976, p. 40).

A proximidade da jovem com o rei foi tão grande que, quando o esposo retornou, ela não sentiu felicidade; ao contrário, sentiu asco: “já ela tão apaixonada estava pelo rei que houve maior nojo do regresso do marido do que houvera com a partida dele” (NAVARRA, 1976, p. 40).

Dessa forma, ela elaborou um plano, para que eles pudessem continuar se encontrando, mesmo com o marido estando em casa. Ela estava feliz com a ideia e, quando o marido regressou, a jovem o tratou tão bem que ele nunca desconfiaria que algo de estranho estivesse acontecendo, nem mesmo que ele próprio ouvisse algo sobre o caso.

Com o passar do tempo, o marido começou a desconfiar dessa traição. Então, ele espionou e confirmou sua suspeita, porém, tinha receio de que, se dissesse alguma coisa, sofreria alguma represália. Dessa forma, escondeu o que tinha descoberto, pois ele valorizava mais a sua vida:

[...] com receio de que aquele que tal injúria lhe fazia viesse a fazer ainda pior, caso ele se manifestasse, tratou de dissimular; pois mais prezava viver com algum aborrecimento, que arriscar a vida por uma mulher que lhe não tinha amor (NAVARRA, 1976, p. 40).

No entanto, por mais que ele tivesse escolhido não falar nada sobre o acontecido, ele afrontava o rei tanto quanto podia, até que um dia o cavalheiro foi até a rainha e expressou o seu plano: “E posso, senhora minha, dizer-vos que, se o rei tirasse a coroa da cabeça, não me levaria a palma no contentar as damas, sendo

certo que, se quisesse satisfazer a tão honesta pessoa quanto o sois vós, deveria trocar pela minha a sua compleição” (NAVARRA, 1976, p. 41).

O cavaleiro tinha em mente se unir à rainha, com a intenção de trair seus respectivos cônjuges. A princípio, a rainha se opôs, pois, por mais que ela soubesse de tal traição, tinha afeto por seu esposo e estava contente com o amor que recebia dele: “tanto me satisfaz o amor que ele me dá, que o prefiro a qualquer outra coisa” (NAVARRA, 1976, 41). Porém, o homem tenta, a todo custo, fazer com que a rainha aceite sua proposta, lançando mão de todas as armas; nesse caso, o amor não correspondido entre a rainha e Deus.

O cavaleiro usa Deus, para tentar convencê-la de que aquilo é o certo a se fazer e, aceitando tal proposta, ela seria recompensada: “E quanto mais ele vê o amor do rei falhar convosco, tanto mais o seu cresce e aumenta, de tal guisa que, se vos dignardes agradar-lhe, sereis recompensada de todas as vossas perdas.” (NAVARRA, 1976, 42). A rainha começou a considerar se deveria ceder a tal investida, visto que percebia no cavaleiro alguém mais atencioso que o rei e que havia sido enganado pela esposa. Ao pensar bastante nessa possibilidade, passou a considerar se a vingança era a saída.

O cavaleiro usava tão bem as palavras, que acabou convencendo a rainha de que aquilo era o certo a se fazer: “já meio vencida, ao chegar ao cabo da alameda, em lugar onde ninguém os podia ver, declaro-lhe abertamente o amor que havia tanto tempo escondia, e encontrando-se ambos concordes no sentimento, tiraram vingança” (NAVARRA, 1976, 43). Depois disso, ambos concordaram que, todas as vezes que o rei fosse ao encontro da esposa do cavaleiro, ele iria ao encontro da rainha.

A rainha era tão apaixonada pelo seu marido, que, a princípio, não queria se vingar dele, mas o cavaleiro conseguiu convencê-la do contrário. Percebemos que, em um primeiro momento, houve uma manipulação, por parte do rapaz, para que a rainha concordasse em se vingar do rei, mas, após ela aceitar a primeira vez, essa vingança acaba acontecendo mais vezes.

Muito tempo se passou sem que o rei sequer desconfiasse do que acontecia quando ele não estava em seu castelo. Porém, o povo já desconfiava do que o rei fazia com a esposa do cavaleiro, de modo que a população “zombava” do rapaz traído, mas ele levava tudo na brincadeira e até mesmo passou a colocar uma cabeça de veado em sua porta, a qual foi acompanhada pela seguinte frase,

colocada por seus vizinhos: “*lo porto le corna, ciascun lo vede; ma tal le porta, che no lo crede*”³(NAVARRA, 1976, p. 44). Certo dia, o rei passava pela casa do cavaleiro e ficou curioso ao ler o que estava escrito em sua porta; o cavaleiro prontamente explicou tal frase:

- Se o segredo do rei não é revelado ao cervo, não há razão para que o do cervo seja revelado ao rei, mas ficai sabendo do seguinte: os quê cornos não deixam de usar chapéu nem têm que o tirar da cabeça, porque eles são tão brandos que não impedem o pôr do chapéu; e mais leves são de trazer os cornos por parte daqueles que julgam que os não têm (NAVARRA, 1976, p. 44).

O rei soube então que o cavaleiro sabia de seu envolvimento com a esposa dele, mas aquele nada desconfiou do envolvimento do cavaleiro com a rainha e assim continuou sendo até que a idade atingiu a todos e pôs fim a tudo.

4.2.1 Quarta Novela e o prazer da traição

A *Quarta Novela* narra a história de uma dama, nascida em uma família rica, sendo viúva de seus dois primeiros casamentos e que não tivera filhos em nenhum dos dois relacionamentos. Após a viuvez, foi morar com seu irmão, que tinha um enorme carinho por ela. Este era casado com a filha de um rei.

Na casa do nobre homem, havia um cavaleiro muito bonito que, ao ver a irmã do seu senhor, fez a ela uma proposta que não foi bem recebida: “Vendo este fidalgo a irmã de seu amo muito risonha e franca, deliberou tentar ver se a proposta de uma nobre amizade lhe desagradaria; o que fez. Mas achou nela uma proposta contrária ao que propunha” (NAVARRA, 1976, p. 48).

A princesa perdoou o atrevimento do cavaleiro, mas sempre deixando bastante claro que, por mais que ela não estivesse chateada com tamanha audácia, ele não deveria voltar a falar sobre isso.

O tempo passava e o cavaleiro já não se lembrava da sua promessa, mas ele não voltou a falar no assunto com ela, pois já sabia qual seria sua resposta. Dessa forma, ele pensou em um plano que talvez viesse a dar certo: “Mas pensou antes que, se a conseguisse apanhar em sítio favorável, ela, sendo viúva, jovem,

3 “Tenho cornos e toda gente os vê; mas sei de quem os tem sem sequer desconfiar de tal”.

bem feita e de boa compleição, por certo havia de ter pena dele e simultaneamente de si própria” (NAVARRA, 1976, p. 48).

Percebe-se aqui que o homem não respeita, em momento algum, a decisão da mulher, de não ter qualquer envolvimento com ele. Em um primeiro momento, ele aceita a recusa da princesa, mas, algum tempo depois, começa a elaborar um plano, no qual pretende atacá-la, para conseguir o que quer, não se importando com a vontade dela.

Ele acreditava que se a colocasse numa situação de vulnerabilidade, em um lugar onde ela estivesse sozinha, ela, sendo jovem, sem marido e de boa aparência iria ceder ao cavaleiro, por pena. Desse modo, ele convidou seu amo para uma casa, com o intuito de caçar. O amo, que apreciava ambos, sua amizade com o cavaleiro e a caça, aceitou o convite e, assim, foram todos. O homem, que tinha tudo planejado, a começar pela localização do quarto da irmã de seu amo, para que melhor pudesse acessá-la quando chegasse a hora de pôr seu plano em prática. Assim,

[...] alojou seu amo mais a sua esposa numa parte da casa e, na parte contrária, aquela a quem amava mais que a si próprio, e cujo quarto tão bem decorara e alcatifara, com tudo tão bem forrado, que era impossível ver um alçapão que havia ao lado da cama... (NAVARRA, 1976, p. 48).

O rapaz coloca seu plano em prática: deita-se em sua cama, para esperar a hora que fosse agir; fica na espreita, como não ouve nenhum barulho vindo do quarto da princesa, abre o alçapão, silenciosamente, e vai até a cama dela, que já estava adormecida, e deita-se ao seu lado.

A princesa, percebendo que havia mais alguém em sua cama, se assusta e usa todas as forças que possui, para expulsar aquela pessoa, supostamente desconhecida: “Mas, forte como era, libertou-se dos seus braços, perguntando-lhe que era, desatou a bater-lhe, a morder-lhe e a arranhá-lo [...]” (NAVARRA, 1976, p. 49). Ele até tentava conter a princesa, para que ela não conseguisse gritar, mas foi em vão, pois logo ela conseguiu chamar pela sua dama de companhia, que veio ao seu socorro.

Sexo frágil é muito usado para definir a mulher, porém, nessa situação, o homem achou que ele sairia vitorioso, por pensar que ela fosse inferior a ele. É uma

surpresa, para ele, saber que ela revida, com todas as suas forças, para que o abuso não aconteça.

O homem, ao conseguir escapar pelo mesmo alçapão por onde entrou no quarto da donzela, adentra novamente seu quarto, tratando de pegar logo uma vela e ir diretamente ao espelho, para ver o que a princesa tinha feito com o seu rosto, o qual estava sujo de sangue, com arranhões e mordidas.

Ele logo se pôs a pensar no que aconteceria se ela descobrisse que ele tinha sido o responsável pelo ataque que ela sofrera e pensou em como sua honra seria prejudicada por tal ato e, em nenhum momento, pensou que a honra da princesa também seria de alguma forma prejudicada, pelo que ele próprio causara:

Aqui tens, beleza minha, a recompensa merecida, pois, mercê de tuas vãs promessas, empreendi obrar o impossível e, em vez de aumentar o meu contentamento, redobrei, porventura, a minha desgraça, pois é certo que se ela sabe que, a promessa feita, empreendi tamanha loucura, perderei a honesta e comum convivência que, mais que ninguém, com ela tenho mantido; com o que a minha glória ficará prejudicada; pois para fazer valer a minha beleza e boas graças, não era nas trevas que eu as devia esconder, e se queria conquistar o amor de seu coração não devia ter tentado tomar pela força o seu castro corpo, antes devia, com prolongado serviço e humilde paciência, esperar pela vitória do amor, pois que, sem isso, nenhum poder tem a virtude e o poderio do homem (NAVARRA, 1976, p. 50).

Por mais que ele tivesse arquitetado todo o plano, para encurralar a princesa em um lugar onde ele achava que ela pudesse estar em desvantagem, para praticar seu ataque contra ela, ele só pensava em sua honra, no que as pessoas pensariam a seu respeito.

No entanto, ele não podia sair do quarto daquela forma ou a princesa saberia, instantaneamente, que tinha sido ele seu agressor, então, ele disse que estava doente, para não ter que aparecer na frente de todos. A princesa, feliz por ter sido vitoriosa, e o homem que invadira seu quarto não ter conseguido o que queria, começou a pensar consigo mesma em quem teria tamanha audácia de tentar demonstrar que gostava dela de uma forma tão bruta e chegou à conclusão de que a pessoa era a mesma que já tentara uma aproximação com ela de outra forma, o mesmo que teria convidado a todos para sua casa.

A princesa relata todo o ocorrido a sua dama de companhia e ela a pergunta se ele conseguiu apenas alguns ferimentos da parte dela e nada mais, ela assegura

a sua criada que sim. Porém, sua dama de companhia a aconselha a evitar falar sobre o que aconteceu, por receio de parecer a culpada pelo ocorrido:

Se o que está em causa é a vossa honra, acautelai-vos, senhora minha, de cair em inconveniência semelhante à sua: pois, em vez de obter o maior prazer que jamais pode haver, veio antes a ter o maior aborrecimento que a um homem é possível sofrer (NAVARRA, 1976, p. 51).

Para o homem, o que aconteceria era apenas o aborrecimento por ter saído ferido, mas a mulher seria a prejudicada, por não querer a impunidade do homem, e a consequência seria a sua dignidade como sendo duvidosa: “Do mesmo modo, vós, senhora minha, ao pretenderdes aumentar vossa honra, antes poderei diminuí-la; e se fazeis vós a denúncia, dareis, a saber, aquilo que ninguém sabe” (NAVARRA, 1976, p. 51). Sua dama reforçou o conselho de nada dizer, pois caso alguém soubesse da história, acreditaria que o cavalheiro nada tentaria se ela não tivesse lhe dado alguma esperança e todos questionariam sua honra.

A princesa foi sendo persuadida pelos argumentos de sua dama de companhia e, cada vez mais, foi achando verdade em tudo o que ela dizia, pois, pelo bom convívio que tinha com ele, ela seria criticada. E o último conselho dado por ela foi de que, aos poucos, se afastasse do convívio do cavalheiro, para mostrar-lhe que, ao mesmo tempo, ela o desprezava e também era clemente, por não planejar nenhuma vingança.

Como hoje em dia, na sociedade em que vivemos, a vítima, sendo mulher, sempre vai ser considerada a culpada. Naquela época, esse tipo de julgamento era ainda mais forte: a mulher não tinha voz, para se erguer diante de seu abusador, pelo fato de que as pessoas a julgariam de ter feito alguma coisa, para que aquilo acontecesse, pois, se ocorresse algo dessa natureza, a mulher teria provocado o homem.

Ao amanhecer do dia seguinte, o príncipe já queria ir embora, mas teve notícias de que o cavalheiro ainda estava muito doente e não poderia vir ao seu encontro para se despedir. A princesa, então, teve sua confirmação de que realmente tinha sido ele seu abusador, pois não queria ser visto daquela forma. Já de volta ao castelo, o cavalheiro só voltou a frequentar tal ambiente, quando já estava completamente curado de suas marcas e não voltou a procurar a princesa.

5 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa de conclusão de curso, foi desenvolvida uma análise interpretativa, através do estudo feito nas novelas três e quatro de *O Heptameron* (1976), de autoria da escritora francesa Margarida de Navarro. Tal estudo intitulado *O pecado da mulher: vingança e traição no Heptameron*, de Marguerite de Navarre, trouxe uma reflexão acerca do cotidiano das personagens na sociedade daquela época, através das novelas escritas por Margarida, analisando a traição e a vingança nessas narrativas.

No decorrer desta pesquisa, percebeu-se o quão é importante abordar esta temática, explorando o quanto era necessário, para as mulheres da época em que *O Heptameron* fora escrito, buscar ter a sua voz ouvida por todos.

O feminismo foi surgindo e as mulheres, percebendo que elas poderiam se colocar em uma posição de lutar contra a opressão, causada pelo sexo masculino, não se submeteram às várias imposições sociais.

Podemos compreender que as duas mulheres, protagonistas das duas novelas analisadas, estavam à frente de seu século, pois raramente as mulheres se vingavam dos homens, uma vez que elas não tinham vez e voz.

Uma das personagens procurou buscar um caminho considerado correto, o que já era bastante complicado de se manter, em razão da diferença de sexo predominante, pois, imaginar que uma mulher pudesse se vingar “na mesma moeda” que o seu traidor, é algo extremamente fora da realidade daquele século.

É exatamente isso o que acontece na *Novela Três*, visto que o rei se apaixona por uma mulher casada e, por querer que ela se apaixone por ele, manda o seu marido para longe. O romance entre eles acontece e quando tudo é descoberto pelos cônjuges, que nada sabiam até então, a rainha, que fora traída, faz o mesmo que ele fizera com ela.

Na *Novela Quatro*, vemos uma mulher viúva que luta, com todas as suas forças, contra o homem que tenta abusá-la, e a sua reação é não se deixar vencer e impedir que ele consiga fazer o que planejava há muito tempo. A vingança dela acaba sendo na forma de arranhões, de modo que ele não consegue fugir sem antes ela deixar marcas no rosto do seu agressor.

A mulher precisa ainda lutar para ser reconhecida. Ainda temos muitos direitos a serem conquistados, mas ficamos felizes pelas mulheres terem

conseguido tantas conquistas ao longo dos anos. As novelas trabalhadas nesta pesquisa objetivaram mostrar o senso feminino, através da vingança e da traição naquela época e o posicionamento das mulheres diante de tais fatos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz na reforma**. São Paulo: Hagnos 2010.
- BROCHADO, Cláudia Costa. **Mulheres escritoras e a construção de outra genealogia**: Isabel de Villena, escritora ibérica da séc. XV. São Paulo, 2001.
- DELUMEAU, Jean. Os agentes de satã: III. A mulher. *In*: **História do medo no Ocidente**: 1300 – 1800 uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 310 – 349.
- DUBY, Georges. História das Mulheres no Ocidente. Vol. 2: **A Idade Média**, 1990.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003
- LEBRUN, François. As reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal. *In*: CHARTIER, Roger. **História da vida privada 3**: da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 76 - 112.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.
- NAVARRA, Margarida de. **Heptameron**. Tradução de Luiza Neto Jorge e Manuel João Gomes. França: Editorial Estampa Ltda, 1976.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.
- PINHEIRO, José Helder. **Pesquisa em literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- SANTOS, Aline dos. **Margarida De Navarra** [manuscrito]: uma mulher “Avant La Lettre”, 2018.
- ZOLIN, Osana Lúcia. Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura. *In*: **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2005.